

■ DOSSIÊ - ARTIGOS

■ Breves incursões sobre o afastamento das estudantes das aulas de Educação Física no Ensino Médio

 *Hadamo Fernandes de Souza**
*Tayanne da Costa Freitas***

Resumo: O estudo possuiu como objetivo identificar os fatores que contribuem para o afastamento das estudantes das aulas de Educação Física no Ensino Médio. A metodologia foi a pesquisa exploratória, descritiva e explicativa com abordagem mista (qualitativa e quantitativa) da pesquisa em educação. A produção de informações foi realizada em uma escola pública de Planaltina - DF, envolvendo estudantes matriculadas no 3º Ano do Ensino Médio. Como instrumento, obtivemos o retorno de 19 questionários compostos por dez questões fechadas e abertas. Ao interpellar as estudantes sobre os aspectos negativos das aulas de Educação Física e que favorecem o afastamento, o estudo apontou fatores ambientais, conteúdos tematizados e a utilização de uniforme. Sobre o que deveria ser feito para potencializar as aulas de Educação Física, 68% das estudantes pontuaram melhorias na infraestrutura, 22% mencionaram alterações nas práticas pedagógicas e 10% defenderam o fim da obrigatoriedade das aulas e da utilização de uniforme. Optamos deliberadamente por discutir aquele elemento que está sob a incumbência do professor, ou seja, suas práticas pedagógicas. Enfatizamos a imprescindibilidade da diversificação dos conteúdos a serem abordados na escola e defendemos diametralmente que todos os conteúdos sejam tratados sincronicamente por todos os estudantes, sempre observando as diversidades culturais, físicas e econômicas. Ademais, entendemos que o progressivo afastamento das estudantes das aulas de Educação Física é sugestionado pelo fato de os conteúdos estarem circunscritos às dimensões procedimentais, sendo assim, não podemos perder de vista a essencialidade de tematizarmos também as dimensões conceituais e atitudinais dos conteúdos.

Palavras-chave: Educação Física. Ensino Médio. Afastamento. Estudantes.

* *Hadamo Fernandes de Souza é licenciado em Educação Física pela Universidade de Brasília – UnB (2012), especialista em Educação Física Escolar pela Universidade Federal de Goiás – UFG (2019) e em Gestão Escolar pela Universidade de Brasília – UnB (2014), mestre em Educação Física pela Universidade de Brasília – UnB (2020). Professor da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal - SEEDF. Contato: hadamosouza@gmail.com*

** *Tayanne da Costa Freitas é licenciada em Educação Física pela Universidade de Brasília (2004) e em Dança pelo Instituto Federal de Brasília (2013), especialista em Educação Física Escolar pela Universidade Gama Filho (2010) e em Planejamento, Implementação e Gestão da EAD pela Universidade Federal Fluminense (2018), mestre em Educação Física pela Universidade de Brasília (2015), doutora no Programa de Pós-graduação em Educação – PPGE/UnB (2020). Professora efetiva da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, com atuação na Subsecretaria de Formação Continuada dos Profissionais da Educação (EAPE). Contato: prof.tayanne@gmail.com*

Introdução

Já a partida, vale destacar, que a função social da escola sempre está sobre influências do seu contexto histórico, social e político. Na escola são transmitidos aos estudantes hábitos, valores, signos, símbolos e conceitos, que foram acumulados historicamente pela sociedade. Desta forma, o papel do professor adquire contornos essenciais, pois caberá a ele, de forma intencional e sistematizada, transmitir os conhecimentos clássicos¹, científicos, artísticos, entre outros, de relevância para a prática social dos estudantes. Serão estes conhecimentos que proporcionarão as melhorias quantitativas e qualitativas em nossas capacidades como seres humanos (SAVIANI, 2011).

Igualmente à escola, as aulas de Educação Física estão vinculadas a concepções de sociedade, de educação e de sujeitos, que se consolidam na construção de um Projeto Político Pedagógico² (PPP). Com efeito, o professor de Educação Física, consciente do ofício de seu componente curricular na escola, poderá selecionar, organizar e sistematizar conhecimentos humanos e humanizantes para o desenvolvimento pleno dos estudantes, em suas dimensões motoras, cognitivas, sociais e afetivas.

Outrossim, conforme Souza e Costa (2020), vários são os obstáculos que dificultam a escola no alcance máximo de seus objetivos, atribuindo relevo aos condicionantes históricos, sociais e econômicos.

Por outro lado, no caso da Educação Física Escolar, que no Ensino Fundamental chama a atenção dos estudantes, sendo considerada por muitos como a sua disciplina preferida, quando se trata do Ensino Médio, esta disciplina parece perder todo seu encanto. E para agravar a situação, observamos uma desmotivação que revela uma questão de gênero, pois existe majoritariamente o afastamento das aulas de estudantes do gênero feminino (DARIDO, 2004).

Por conseguinte, identificada a problemática, percebemos a necessidade de estudos aprofundados, tanto por meio da pesquisa empírica quanto da revisão da literatura, com a intenção de respondermos à seguinte questão: quais fatores contribuem para o afastamento das estudantes das aulas de Educação Física no Ensino Médio de uma escola pública de Planaltina - DF?

Para tanto, buscando resposta para esta indagação, realizamos estudos sobre a Educação Física e suas relações com os diferentes fenômenos educacionais, como, por exemplo, as questões culturais, econômicas, políticas e sociais, a partir da convicção de que todos se entrelaçam e influenciam o contexto escolar. Sendo assim, a partir da reflexão sobre a realidade da Educação Física Escolar no Ensino Médio, identificamos as seguintes variáveis: excessiva opção pelo esporte como proposta teórico-metodológica, escassez de materiais didático-pedagógicos, inadequação da infraestrutura da escola e, por fim, limitações nas práticas pedagógicas³ adotadas pelos professores.

Concomitantemente a isso, a maneira como a reforma do Ensino Médio vem se concretizando em nosso país evidencia como os princípios neoliberais possuem protagonismo nas decisões políticas, objetivando formar um cidadão passivo, em que a meritocracia, o empreendedorismo e as desigualdades sociais são determinações exclusivamente individuais (PORTUGAL *et al.*, 2021).

Desta forma, o texto em questão discute os resultados de

uma investigação em que entendemos contribuir para a reflexão e diálogo acerca da Educação Física Escolar no Distrito Federal, considerando que é um componente curricular obrigatório estabelecido na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) – Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

1. Delineamentos da pesquisa

A priori, queremos ressaltar que adotamos no presente estudo uma concepção crítica de Educação Física Escolar. Essa perspectiva tem como base as elaborações teóricas e metodológicas influenciadas pelo movimento renovador ocorridas na década de 1980. Em linhas gerais, esta corrente defendeu que a Educação Física Escolar deixasse de ter como prioridade uma concepção biológica de corpo, centrada na aptidão física e na iniciação esportiva. Em contrapartida, advogava que a Educação Física deveria se aproximar de uma educação de corpo voltada para os aspectos socioculturais e pedagógicos (CAPARROZ, 1997).

Com efeito, para melhor esclarecimento de qual Educação Física Escolar estamos defendendo, apoiamo-nos em Betti (2009, p. 64), que apresenta:

[...] conceituo a Educação Física na escola como uma disciplina que tem por finalidade propiciar aos alunos a apropriação crítica da cultura corporal de movimento, visando a formar o cidadão que possa usufruir; compartilhar; produzir; reproduzir e transformar as formas culturais do exercício da motricidade humana: jogo, esporte, ginásticas e práticas de aptidão física, dança e atividades rítmicas/expressivas, lutas/artes marciais, práticas alternativas.

Fundamentados nesta perspectiva e considerando o objetivo do estudo, foram utilizados alguns caminhos possíveis, entre eles: uma revisão de literatura pautada nos aspectos qualitativos sobre o afastamento dos estudantes das aulas Educação Física Escolar, em que a intenção foi de apresentar as perspectivas científicas vinculadas ao tema proposto; o outro meio refere-se a uma pesquisa exploratória e descritiva que visou proporcionar maior familiaridade com o objeto, tornando-o explícito e construindo hipóteses, bem como expor as características de uma determinada população com base no conhecimento de sua realidade (PRODANOV; FREITAS, 2013; SEVERINO, 2007).

Ainda, conforme Prodanov; Freitas (2013) e Severino (2007), utilizamos duas abordagens de investigação, que combinam aspectos quantitativos e qualitativos de análise, isto é, abordagem mista da pesquisa em Educação. A escolha se justifica pela possibilidade de identificação de convergências e/ou divergências entre os dados qualitativos e quantitativos, contribuindo para a produção de resultados que se complementam mutuamente.

Em relação à revisão de literatura, os critérios para a seleção dos periódicos foram a amplitude das perspectivas teóricas das publicações, abrangendo estudos socioculturais, políticos, pedagógicos e psicológicos da Educação Física. Além disso, trata-se de revistas de grande circulação no campo e indexadas à base de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), nos extratos A e B, à época.

Sendo assim, em especial, utilizamos o sistema de seleção dos periódicos seguido anteriormente por Bracht *et al.* (2011) – referência do campo acadêmico-científico da Educação Física

– elegendo as seguintes revistas: *Ciência e Movimento*; *Motrivivência*; *Motriz*; *Motus Corporis, Movimento*; *Pensar a Prática*; *Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE)*; *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte (RBEFE)* e *Revista da Educação Física/UJEM (REF/UJEM)*.

Para a seleção das fontes pertinentes ao tema, delimitamos o período dos últimos 15 anos, com o intuito de privilegiar as investigações mais recentes. Ademais, o tamanho da amostra não impediu que fossem lidos os títulos e resumos de todos os artigos encontrados. Não obstante, foi necessária a leitura na íntegra ou parcialmente de alguns quando os resumos não foram suficientemente claros no sentido de esclarecer a constituição do estudo.

Já a pesquisa exploratória foi realizada em uma escola da rede pública de Planaltina – DF, envolvendo 22 estudantes, matriculadas no 3º “A” do Ensino Médio, no ano de 2012. Para a produção das informações foi distribuído um questionário composto por dez questões fechadas e abertas, desenvolvido pelos pesquisadores com perguntas envolvendo aspectos relacionados aos fatores que contribuíam para o afastamento das estudantes das aulas de Educação Física no Ensino Médio.

O escopo do questionário apresentou questões que compreenderam temas sobre o vínculo das estudantes com o componente curricular de Educação Física, o relacionamento com o professor e colegas, a respeito dos elementos acerca dos conteúdos abordados com maior frequência, suas preferências e aversões às aulas de Educação Física, bem como possíveis oportunidades de melhorias nas intervenções. Do total de 22 questionários entregues às estudantes, 19 foram validados.

Por fim, em observação aos elementos da ética em pesquisa com seres humanos, foi entregue às participantes um termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) para que tomassem ciência de sua participação, assim como deveriam ser assinados pelos seus representantes legais, com o compromisso de devolução à coordenação da escola. Ainda sobre a questão ética, esclarecemos que as estudantes foram identificadas por meio do termo “Aluna” seguido de um número sequencial conforme a devolução do questionário.

2. O afastamento das aulas Educação Física e sua relação com as práticas pedagógicas

Para discorrermos sobre a temática, resultados de estudos e pesquisas na área da Educação Física no Ensino Médio foram analisados, destacamos aqui os publicados por Feitosa *et al.* (2011), que observaram tendência linear entre o afastamento das aulas de Educação Física e ano escolar. Segundo os autores, a frequência de participação se reduz significativamente do 1º para o 2º e do 2º para o 3º ano do Ensino Médio.

Após pesquisas para observar estudantes e professores, Pereira e Moreira (2005) apontaram como fator desencadeante para a evasão dos estudantes das aulas a proposta teórico-metodológica. Os autores afirmaram que a situação da Educação Física no Ensino Médio está caótica, e que as aulas estão voltadas prioritariamente para conhecimentos esportivos, deixando de lado qualquer intervenção crítica e reflexiva. Nem os próprios professores acreditam em sua prática pedagógica como capaz de proporcionar uma mudança de realidade na vida cotidiana dos estudantes.

Neste mesmo estudo, Pereira e Moreira (2005) ponderaram que a Educação Física tem apresentado uma grande evasão escolar, insignificante interesse e pouca participação dos estudantes. Os professores estão escolhendo os conteúdos⁴ aleatoriamente, não adotando um documento norteador e sem nenhuma diversificação nas atividades. E, para complementar o descaso, aplicando geralmente a mesma aula em todas as turmas do Ensino Médio.

Outrossim, a proposta curricular para o Ensino Médio é para a formação cidadã, capaz de superar os benefícios “apenas” de ordem anatomo-físico-biológicos, atingindo valores sociais e éticos e, sobretudo, partindo para um conceito interdisciplinar e contextualizado dos conteúdos propostos, não obstante, a maioria dos professores compreende a Educação Física como uma continuidade, ou melhor, uma repetição daquilo que foi apresentado no Ensino Fundamental (FINCK, 2001).

As pesquisas de Delgado e Paranhos (2009) mencionam que o interesse dos estudantes nas aulas de Educação Física é influenciado pelas relações estudante/professor e estudante/estudante, pelo conteúdo tematizado nas aulas e pelas práticas metodológicas adotadas. De acordo com os autores, a Educação Física vem paulatinamente perdendo espaço nos currículos escolares e essa situação se agrava no Ensino Médio, nível de ensino em que ocorre uma desvalorização dessa disciplina pelos estudantes, que trazem para esta etapa da escolarização as más impressões adquiridas a respeito do componente curricular no Ensino Fundamental.

Para Rodrigues, Viana e Lacorte (2010), os conteúdos são um dos principais fatores que podem motivar ou desmotivar os estudantes. Conteúdos repetitivos, cansativos, sem criatividade ou até mesmo aqueles que excluem os estudantes por estes não saberem executar a atividade ou que os levem a passar por situações desconfortantes, geram um bloqueio que ocasiona a falta de motivação nas aulas.

O resultado da pesquisa realizada por Chicati (2000) foi de que os estudantes que hoje estão frequentando a Educação Física do Ensino Médio possuem uma carência de conteúdos, haja vista que vêm se repetindo desde o Ensino Fundamental, mais precisamente desde o 6º ano, sendo o esporte adotado como conteúdo hegemônico, desconsiderando-se as diversas possibilidades da Cultura Corporal de Movimento.

Sobre a relevância do processo de seleção dos conteúdos, o Coletivo de Autores (1992) apresenta os seguintes princípios: a relevância social, a contemporaneidade, a adequação às possibilidades sócio cognitivas, a simultaneidade, a espiralidade e a provisoriabilidade do conhecimento. Não obstante, nos ratifica a compulsoriedade de que os conteúdos estejam articulados à realidade social concreta, bem como oferecendo subsídios para a compreensão dos determinantes sócio-históricos vivenciados pelos estudantes.

Diante disso, fazendo um recorte para as questões de gênero, Delgado e Paranhos (2009) verificaram que na opinião das estudantes ocorre uma falta de diversificação dos conteúdos, além da discriminação por parte dos meninos colegas de turma, que as excluem das atividades. Os autores alegaram, ainda, que, apesar de as estudantes do ensino público darem maior importância às aulas de Educação Física, é no ensino particular que ocorre a maior participação feminina.

Para Costa e Silva (2002, p. 45), na escola mista “a meta foi educar as meninas ao modelo masculino”, desconsiderando as diversidades e ratificando a exclusão das estudantes em detrimento dos interesses masculinos. Infelizmente, essa realidade prevalece até hoje e, na Educação Física, o procedimento adotado pelos professores têm sido a apresentação de atividades diferenciadas para cada gênero ou regras específicas que possibilitem a participação das estudantes.

Na intenção de superar estas lacunas, a Educação Física deve abordar conteúdos da especificidade da própria disciplina, contextualizando-os com temas da atualidade. É preciso modificar o pensamento de que essa disciplina é isolada do restante, sendo aquela que só privilegia aspectos biológicos do corpo, propiciando aos estudantes o entendimento de que ela faz parte de um contexto de formação integral, visando formar cidadãos críticos e autônomos. Os temas trazidos a discussão devem ter o envolvimento do grupo, respeitando-se as questões de gênero, etnia e classes sociais (FINCK, 2001).

Para que o estudante se sinta atraído pela escola, disposto a interagir e a aprender, é necessário que ele esteja motivado intrínseca e extrinsecamente. A motivação extrínseca é composta por fatores externos, que levam os estudantes à participação nas aulas, como, por exemplo: a influência de outros colegas e dos seus responsáveis. Quanto à motivação intrínseca, esta é composta por fatores internos, como: o prazer, a satisfação e a determinação em participar das intervenções (MARZINEK, 2004).

Em seus estudos, Falcão (1989) afirma que, para se alcançar a motivação intrínseca do estudante, a escola deve almejar o desenvolvimento da atividade mental, pois o que vem acontecendo hodiernamente é a transformação do estudo em um mecanismo para se alcançar notas, presentes e elogios.

Sendo assim, o professor deverá fazer uso de diferentes estratégias metodológicas e sistematizadas, buscando fazer dos estudantes não somente receptores de conhecimentos, mas, sim, verdadeiros desbravadores em busca de um saber crítico e social. Contudo, para que se alcance esta melhoria na aprendizagem, será necessário que os professores busquem novos caminhos e práticas pedagógicas, que enfatizem o protagonismo, a motivação e a autonomia dos estudantes (SOUZA e SOUSA, 2021).

Em síntese, de acordo com Benedetti (2008), o professor é o maior responsável por promover a valorização da disciplina Educação Física pela própria forma como elabora e tematiza suas intervenções, sensibilizando e incentivando a participação dos estudantes, argumentando sobre a importância do componente curricular, dos conteúdos e dos seus benefícios. O autor enfatiza que a Educação Física deve demarcar seu território em igualdade de condições com os demais componentes curriculares da Educação Básica, sendo repensadas suas atividades de forma a cooperar com o desenvolvimento e o crescimento de cidadãos éticos, críticos, autônomos, solidários e participantes nas transformações político-sociais necessárias ao nosso país.

3. Fatores que contribuem para o afastamento das estudantes das aulas de Educação Física no Ensino Médio de uma escola pública de Planaltina - DF

Na questão inicial, objetivamos averiguar a opinião das estudantes sobre a obrigatoriedade das aulas de Educação Física.

Gráfico 1 - Obrigatoriedade da Educação Física



Fonte: elaborado pelos autores.

O resultado do Gráfico 1 apresenta que 68% das estudantes afirmaram que “Sim”, a Educação Física é obrigatória, 21% alegaram que “Não” é obrigatória e 11% das estudantes deixaram de responder ao questionamento.

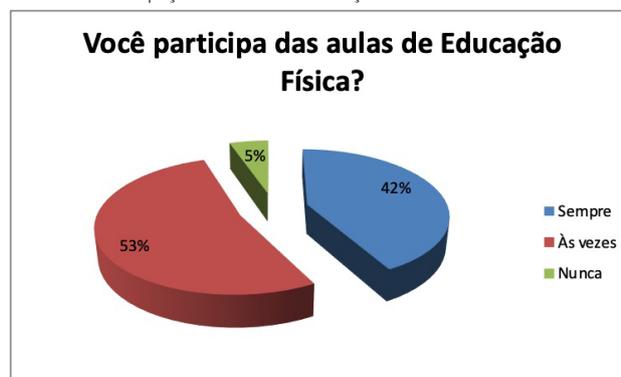
Esses resultados são preocupantes, pois a LDBEN nº 9.394/1996 é muito clara ao determinar que a Educação Física integrada à proposta pedagógica da escola é componente curricular “obrigatório” da Educação Básica. Sendo assim, quando o percentual de 21% de estudantes afirma que esta disciplina não é obrigatória, evidencia o longo percurso a ser enfrentado pela Educação Física em busca de sua legitimidade. Ademais, caberá aos professores, desde os primeiros dias do ano letivo, deixarem esta obrigatoriedade indubitável para todos os estudantes da escola.

Outro ponto que merece ser analisado é se realmente as estudantes tiveram a compreensão adequada a respeito do questionamento proposto na pesquisa, pois algumas estudantes podem ter o conhecimento de que a Educação Física é um componente curricular obrigatório da Educação Básica, no entanto, como em sua escola o professor deixa a participação nas aulas como uma decisão facultativa, muitas delas mencionaram que a Educação Física não é obrigatória devido ao fato de terem a opção de “participar” ou “não” destas intervenções.

Em sequência, as questionamos se participavam das aulas de Educação Física, pois é comum encontrarmos nas escolas brasileiras diversas práticas pedagógicas que afastam as estudantes dessas aulas.

O Gráfico 2 apresenta que 53% das estudantes

Gráfico 2 - Participação nas aulas de Educação Física



Fonte: elaborado pelos autores.

participam “Às vezes”, 42% “Sempre” e 5% afirmaram que “Nunca” participam.

Para compreendermos melhor as respostas fornecidas, recorreremos à pesquisa de Rodrigues, Viana e Lacorte (2010), que identificaram que a desmotivação por parte das estudantes, muitas vezes, ocorre devido ao relacionamento delas com os demais colegas da turma, ao desinteresse pelos conteúdos e aos descontentamentos com as abordagens adotadas pelos professores.

Ao analisarmos as justificativas para sua participação ou não, alguns depoimentos merecem destaque: “Sempre: Ah! Eu gosto de praticar esportes” (Aluna 1). “Às vezes: Eu gosto de participar, mas nem sempre os meninos deixam, pois são um bando de chatos e machistas” (Aluna 9). “Às vezes: Depende da modalidade que está sendo abordada” (Aluna 11). “Nunca: Sempre fico de fora por causa do uniforme” (Aluna 5).

A Aluna 1 mencionou que “Sempre” participa por gostar de esportes. Assim, essa afinidade com os esportes é salutar, entretanto, é relevante que os professores deixem evidente que o esporte é mais um elemento da Cultura Corporal de Movimento, assim, deve ser tematizado, mas não pode ser o único aspecto das suas intervenções pedagógicas. A Aluna 11 afirmou que “Às vezes” participa, no entanto, depende da modalidade que está sendo abordada, ou seja, os estudantes realizam uma seleção daquilo que lhes interessa. Sendo assim, acreditamos que esta atitude adotada pela estudante necessita de intervenção do professor, sempre enfatizando a necessidade de se vivenciar todas as práticas corporais abordadas, ampliando seus conhecimentos sobre a Cultura Corporal de Movimento.

A Aluna 9 apresentou uma justificativa relevante para a compreensão do objeto de nosso estudo, pois afirmou que gosta das aulas de Educação Física, no entanto, só participa “Às vezes”, pois os meninos não a deixam participar. Ora, onde está o professor? São os meninos que decidem quem deve ou não participar das aulas?

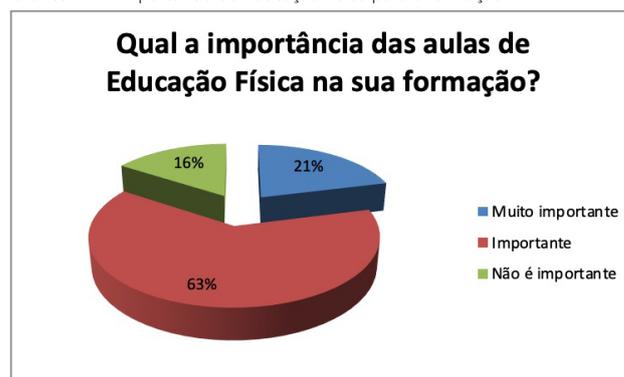
Sobre isso, Del Duca *et al.* (2015) e Ferreira *et al.* (2016) defendem que não podemos negar a existência de uma diferença entre a participação de meninas e de meninos nas aulas de Educação Física, geralmente, os meninos costumam ser mais ativos, contudo, isso não pode servir de mote para que as estudantes sejam impedidas de participar pelos seus respectivos pares.

Para Ferreira *et al.* (2016), o fato de determinadas práticas corporais estarem socialmente associadas ao universo masculino acaba gerando o afastamento das estudantes. Porém, na intenção de superação desta fragilidade, os autores defendem a intensificação da discussão de gênero nas aulas de Educação Física, pois, somente assim, conseguiremos desconstruir estereótipos e ampliarmos a participação de todos os estudantes nas práticas corporais.

Paralelamente, outro aspecto que deve ser observado pelos professores de Educação Física é a participação equânime das estudantes menos habilidosas nas decisões das atividades que serão desenvolvidas, caso contrário, com aulas desorganizadas, elas acabam se desinteressando e, conseqüentemente, se afastando das intervenções (BRANDOLIN; KOSLINSKI; SOARES, 2015).

Já a Aluna 5 afirmou que “Nunca” participa das aulas de Educação Física por causa do uniforme. Aqui, podemos ficar em dúvida se a opção pela não participação parte da própria aluna, que não quer estragar ou sujar o seu uniforme, ou se

Gráfico 3 - A importância da Educação Física para a formação



Fonte: elaborado pelos autores.

ela é impedida de participar pelo professor regente, por não frequentar as aulas com o uniforme adequado. Em ambas as possibilidades, é primordial a intervenção do professor para que a situação seja resolvida. Em algumas ocasiões, uma conversa com a estudante pode solucionar o problema, já em casos mais complexos, pode ser necessária a participação da equipe gestora e dos representantes legais.

Na questão seguinte, buscamos identificar as opiniões das estudantes relacionadas à importância da Educação Física para suas formações (gráfico 3)

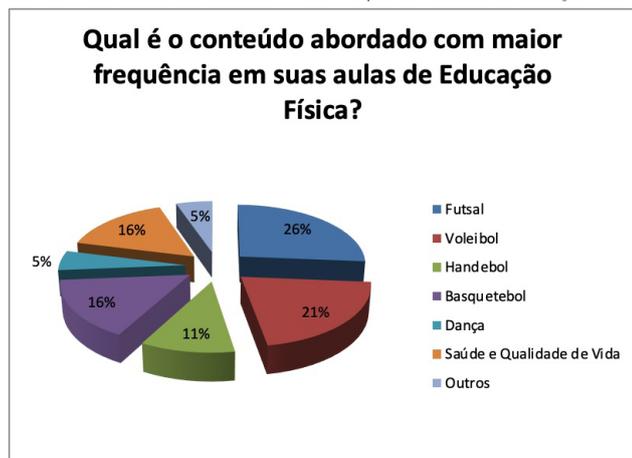
Do total de participantes, 63% consideram que a Educação Física é “Importante”, 21% consideram “Muito importante” e 16% consideram que “Não é importante”. Esse percentual de estudantes que consideram a Educação Física “Importante” é bastante significativo, pois se contrapõe a outras pesquisas que identificaram justamente o oposto, ou seja, o descrédito do componente curricular. Para exemplificar, podemos recorrer aos estudos de De Paula, Paixão e Oliveira (2015), que afirmam que, na visão de alguns estudantes, os componentes curriculares mais importantes são aqueles que lhes serão úteis na vida adulta, e os que lhes ensinam algo como fazer contas, falar melhor e conhecer a história. E que, atualmente, os estudantes não estão identificando utilidade nos conhecimentos tematizados e vivenciados nas aulas de Educação Física.

Das estudantes que consideram que a Educação Física não é importante, duas disseram que participam pelas notas e uma delas afirmou que assiste porque gosta de futebol. Estes posicionamentos corroboram com as pesquisas de Falcão (1989), onde se enfatiza que na atualidade o estudo tem sido transformado em um mecanismo para se alcançar notas, presentes e elogios.

De todo modo, concordamos com a importância da avaliação formativa⁵ no processo de ensino-aprendizagem, principalmente como um processo sistemático e contínuo, no decurso do qual vão sendo obtidas informações e manifestações acerca do desenvolvimento das atividades dos professores e estudantes. Não obstante, conseguir nota não pode ser o único motivo para um estudante participar das aulas de Educação Física. Em outras palavras, se o professor identificar que os estudantes estejam participando de suas intervenções somente com o objetivo de alcançar notas, deve realizar uma profunda reflexão sobre suas práticas pedagógicas.

Posteriormente, foi solicitado que informassem qual era o conteúdo abordado com maior frequência em suas aulas de

Gráfico 4 - Conteúdos abordados com maior frequência nas aulas de Educação Física



Fonte: elaborado pelos autores.

Educação Física. Lembrando que neste questionamento elas só poderiam marcar uma das opções disponíveis.

O Gráfico 4 demonstra que os conteúdos tratados com maior frequência nas aulas de Educação Física foram: 26% "Futsal", 21% "Voleibol", 16% "Basquetebol", 16% "Saúde e Qualidade de Vida", 11% "Handebol", 5% "Dança", e 5% "Outros conteúdos".

Ao fazermos uma análise detalhada, verificamos que 74% das estudantes mencionaram o nome de algum esporte como o conteúdo mais tematizado em suas aulas de Educação Física, esse fato corrobora com os estudos de Chicati (2000), Tenório e Silva (2013), onde afirmam que os esportes são os conteúdos hegemônicos das aulas de Educação Física. Dessa forma, outras práticas corporais são quase desconsideradas, o que provoca gradativamente o afastamento dos estudantes que apresentam outras afeições.

Seguindo esta reflexão, Paes (2002, p. 91) descreve essa situação como a "prática repetitiva de gestos técnicos em diferentes níveis de ensino". Para o autor, as mesmas práticas corporais são repetidas nas diferentes etapas da Educação Básica, perdendo ao longo dos anos o interesse dos estudantes. O esporte tematizado nos anos iniciais do Ensino Fundamental é análogo ao abordado no Ensino Médio, isto é, o esporte com um fim em si mesmo. Por consequência, temos um preocupante e progressivo afastamento dos estudantes das aulas de Educação Física no Ensino Médio.

Sobre essa abordagem hegemônica dos esportes e, com efeito, o afastamento das estudantes das aulas de Educação Física, entendemos ser pertinente fazermos algumas considerações. Não somos contrários à tematização dos esportes nas aulas de Educação Física, nossas objeções concentram-se apenas na forma como o esporte vem sendo tratado na escola. Segundo Bracht (2000, p. 16), "a negação do esporte não vai no sentido de aboli-lo ou fazê-lo desaparecer ou, então, negá-lo como conteúdo das aulas de EF. Ao contrário, se pretendemos modificá-lo é preciso exatamente o oposto, é preciso tratá-lo pedagogicamente". O esporte como fenômeno sociocultural possui considerável relevância em nosso país, sendo assim, deve ser tematizado na escola, entretanto, através de uma sistematização discordante da tendência competitivista⁶.

Tabela 1 - O que você menos gosta nas aulas de Educação Física

CATEGORIA	QUANTIDADE	PORCENTAGEM
Ambientais	Participantes	%
Falta de estrutura da quadra	2	11%
O sol	4	21%
Ficar suada e voltar para sala	2	11%
Conteúdos tematizados	Participantes	%
Os jogos	1	5%
Jogar futebol	4	21%
Handebol	1	5%
Uniforme	Participantes	%
O uso do uniforme	4	21%
Absteve-se de responder	Participantes	%
Não respondeu	1	5%
Total	19	100%

Fonte: elaborado pelos autores.

Na sequência, pedimos que mencionassem o que menos gostavam nas aulas de Educação Física.

Para melhor análise dessa questão, subdividimos a Tabela 1 em quatro categorias: "Ambientais", "Conteúdos tematizados", "Uniforme" e "Absteve-se de responder". Assim, verificamos que 43% das estudantes afirmaram que não gostam nas aulas é da falta de estrutura da quadra, do sol, e do fato de ficarem suadas e terem de voltar para a sala de aula.

Nesse sentido, o depoimento da Aluna 6 merece ser destacado: "a quadra não é coberta, isso prejudica muito por causa da exposição ao sol". Este relato vai ao encontro dos estudos de Andrade e Devede (2006), que também identificaram um elevado percentual de estudantes que afirmaram que a melhoria na estrutura física da escola seria primordial para uma maior motivação e participação. Paralelamente, é sabido que o Brasil possui climas predominantemente quentes (Equatorial, Tropical, Subtropical, Semiárido), sendo assim, é inegável a influência ambiental na participação dos estudantes nas aulas de Educação Física.

A segunda categoria com maior destaque está relacionada aos "Conteúdos tematizados", com 31% das menções. Lembrando que todos os conteúdos citados são relacionados aos esportes. Essa opção recorrente do professor em tematizar esportes corrobora com os estudos de Chicati (2000), provocando um afastamento das estudantes, principalmente das menos habilidosas nas atividades frequentes e que, em algum momento, podem ter vivenciado situações de fracasso e/ou insucesso.

Em seguida, solicitamos às estudantes que mencionassem o que mais gostavam nas aulas de Educação Física.

A Tabela 2 foi categorizada da seguinte maneira: "Dinâmica da aula", "Interação entre estudantes" e "Esportes".

Tabela 2 - O que você mais gosta nas aulas de Educação Física

CATEGORIA	QUANTIDADE	PORCENTAGEM
Dinâmica da aula	Participantes	%
Nada	2	11%
Ficar fora da sala de aula	1	6%
Aula livre	1	5%
Aula prática ser distração	1	5%
Alongamento	1	5%
Interação entre estudantes	Participantes	%
Relacionar com os colegas	1	5%
Diversão e companheirismo	1	5%
Participação de todos	1	5%
Esportes	Participantes	%
Jogos	1	5%
Vôlei	3	16%
Handebol	4	21%
Futsal	2	11%
Total	19	100%

Fonte: elaborado pelos autores.

Analisando as respostas, podemos verificar que 53% das estudantes gostam das aulas de Educação Física devido à prática de alguma modalidade esportiva. Isso se contrapõe ao resultado do questionamento anterior, em que 31% das estudantes mencionaram que não gostam dos esportes nas aulas de Educação Física. Com estes dados podemos verificar os sentimentos de amor e ódio provocados pelo esporte na escola.

Nesse sentido, considerando este elevado percentual de estudantes que gostam da tematização dos esportes, devemos ter cautela para não naturalizarmos o chamado “quarteto fantástico (voleibol, handebol, futebol e basquetebol), pois através da diversificação e intencionalidade pedagógica poderemos abordar conteúdos relevantes e que minimizem o afastamento dos estudantes (RANGEL BETTI, 1999).

Vale destacar na Tabela 2 que 32% das estudantes mencionaram que gostam de ficar sem fazer nada, ficar fora da sala ou ter a aula livre. Neste momento, devemos fazer uma análise das práticas pedagógicas desenvolvidas pelos docentes em que as estudantes tenham este objetivo nas aulas de Educação Física. Esta ausência de intervenção e intencionalidade pedagógica ratifica o que Darido e Rangel (2005) denominam de “rola bola”, Silva e Bracht (2012) de “desinvestimento pedagógico e González (2013) de abandono do trabalho docente”.

Em contrapartida, a fala da Aluna 11 foi bem significativa com relação ao que mais gosta nas aulas de Educação Física: “De poder me relacionar melhor com os colegas, é um momento prazeroso”.

Sobre isso, Lovisoló (1998) afirma que a Educação Física deve assumir a responsabilidade de fazer da escola um local atraente, excitante e emocionante. Em outras palavras, no mundo hodierno, em que muito se discute sobre a função social da escola, sendo muitas as críticas pejorativas enfatizando que ela se tornou arcaica e ultrapassada, a Educação Física não pode se furtar de ser atraente, prazerosa e alegre. Nesta mesma concepção, Souza e Costa (2020, p. 15) afirmam: “A escola precisa manter-se como espaço de formação humana que supõe um ambiente não opressor. Com efeito, aprender na medida em que a expressão de ludicidade se emerge como condição para este aprender, nos parece um objetivo a ser perseguido”.

Para finalizar, procuramos saber das estudantes o que poderia ser feito para melhorar as aulas de Educação Física em sua escola.

A partir das respostas, subdividimos a Tabela 3 em três categorias: “Infraestrutura”, “Obrigatoriedade da Educação

Tabela 3 - O que poderia ser mudado para melhorar as aulas de Educação Física

CATEGORIA	QUANTIDADE	PORCENTAGEM
Infraestrutura	Participantes	%
Quadra coberta	12	63%
Banheiros e chuveiros	1	5%
Obrigatoriedade da Educação Física	Participantes	%
Tirar a obrigatoriedade das aulas	1	5%
Tirar a obrigatoriedade do uniforme	1	5%
Práticas Pedagógicas	Participantes	%
Atividades mais dinâmicas	3	17%
Atividades que atraíam meninos e meninas	1	5%
Total	19	100%

Fonte: elaborado pelos autores.

Física” e “Práticas Pedagógicas”, para, assim, permitir um melhor entendimento.

A maioria das estudantes (68%) afirma que o que poderia ser melhorado nas aulas de Educação Física e que, consequentemente, faria com que se sentissem mais motivadas, seria a cobertura das quadras e a inclusão de banheiros e chuveiros, ou seja, todos pertencentes à categoria infraestrutura. Reforçando esta informação, o depoimento da Aluna 8 merece destaque: “A quadra coberta também ajudaria, já que é horrível fazer exercícios no sol quente”.

A segunda categoria com maior destaque está relacionada às “Práticas Pedagógicas”, com 22% das menções. Logo, podemos analisar o depoimento da Aluna 5, que afirmou: “Ter mais opções de esporte, pois só abordamos os mesmos assuntos todos os anos”. E, também, da Aluna 6, que enfatizou: “Outros tipos de atividades, aulas diferentes com atividades menos repetitivas”. Nestas manifestações, podemos verificar as aspirações das estudantes por aulas mais diversificadas e que outras práticas corporais, diferentes das já abordadas no Ensino Fundamental, sejam tematizadas no Ensino Médio.

Outro aspecto que merece destaque é o mencionado pela Aluna 4: “Fazer uma coisa mais dinâmica, que atraia mais as alunas e alunos”, evidenciando, assim, a importância do professor em elaborar planejamentos que atendam aos interesses de ambos os gêneros.

Por conseguinte, ressaltamos que a composição de turmas mistas nas aulas de Educação Física é uma prática consolidada no ensino público desde a promulgação da LDBEN nº 9.394/1996, entretanto, dentro do próprio grupo de professores de Educação Física, existem algumas resistências, principalmente daqueles que atuam a partir dos anos finais do ensino fundamental (ALTMANN, 2009). Como exemplo desta oposição, podemos citar o fato ocorrido em 1991, quando a Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte sistematizou a mudança das aulas separadas por sexo para aulas mistas, gerando muita discórdia e descontentamento por parte dos docentes, que, inclusive, se mobilizaram para tentar revogar a portaria. Felizmente sem sucesso, a LDBEN nº 9.394/1996 prevaleceu (ALTMANN, 1998).

Ademais, compreendemos os desafios envolvidos nas práticas pedagógicas com turmas mistas, entretanto, não basta que esta composição seja adotada somente nas listas de frequência. Infelizmente, o procedimento empregado tem sido a separação dos meninos e das meninas durante as atividades e/ou a designação de atividades adaptadas que permitam a participação das estudantes em conjunto com os demais colegas de turma.

Em síntese, não compactuamos com a justificativa biológica para separação entre meninos e meninas nas aulas de Educação Física, até porque, dentro do próprio grupo masculino, também existem desigualdades significativas. As diferenças físicas podem influenciar, no entanto, não são determinantes para a separação entre os gêneros nas aulas de Educação Física. Sendo assim, entendemos que as diferenças entre o sexo masculino e o feminino, mais do que biológicas, são elaboradas em suas relações históricas e sociais. Em outras palavras, a existência ou ausência de estímulos serão imprescindíveis no desenvolvimento das práticas corporais dos estudantes.

Considerações finais

Dentre as várias problemáticas a serem enfrentadas pela Educação Física Escolar na contemporaneidade, algumas merecem ser sublinhadas. Dentre elas, podemos destacar o preocupante e progressivo afastamento das estudantes das aulas de Educação Física no Ensino Médio.

Em nosso estudo, ao serem interpeladas sobre os aspectos negativos das aulas de Educação Física e que, conseqüentemente, favorecem o afastamento, elas apontaram fatores ambientais, conteúdos tematizados e a necessidade da utilização de uniforme.

Obviamente, ao serem questionadas sobre o que deveria ser feito para potencializar as aulas de Educação Física, as respostas buscaram enfrentar as fragilidades mencionadas anteriormente, pois 68% das estudantes apontaram melhorias na infraestrutura da escola, 22% mencionaram alterações nas práticas pedagógicas, e outros 10% defenderam o fim da obrigatoriedade das aulas e da utilização de uniforme.

Entretanto, mesmo reconhecendo a relevância de todos os fatores mencionados, optamos deliberadamente neste estudo por discutir aquele elemento que está sob a incumbência do professor, ou seja, suas práticas pedagógicas.

Antes de mais nada, devemos reconhecer a variedade de atividades que são realizadas nas escolas de nosso país e que são denominadas nas grades horárias de aulas de Educação Física, muitas destas ações, carentes de intervenção e intencionalidade pedagógica. Contudo, enfatizamos a imprescindibilidade da diversificação dos conteúdos a serem abordados na escola, logo não podemos conceber que os estudantes tematizem exclusivamente esportes durante toda a Educação Básica. Pelo contrário, devemos garantir o tratamento de outras práticas corporais, como, por exemplo: as brincadeiras, os jogos, as danças, as lutas, as ginásticas e as práticas corporais de aventura.

Outro aspecto de relevo mencionado pelas estudantes é que as aulas deveriam atender aos interesses de ambos os gêneros, pois, infelizmente, as práticas pedagógicas adotadas pelos professores de Educação Física têm sido a apresentação de atividades diferenciadas para cada gênero, provocando uma segregação e/ou a alteração nas regras de modo a possibilitar a participação das estudantes. De todo modo, parece-nos pouco crível que qualquer um desses modelos seja o apropriado, devendo as estudantes se adequarem ao “*status quo*”, sujeitando-se ao padrão consolidado na sociedade como o ideal, isso apenas ratificando que estão sendo educadas ao paradigma masculino. Com efeito, o professor convalida que as meninas são incapazes de desenvolverem as atividades conjuntamente

com os meninos ou da mesma forma que eles, assinando, dessa forma, um atestado de incapacidade feminina e pondo em xeque a composição mista das turmas nas aulas de Educação Física Escolar.

Não obstante, podemos fazer a seguinte reflexão: e se o conteúdo a ser tematizado for a dança de salão, mais especificadamente a salsa? Estamos aqui fazendo um suposto que as estudantes possuirão uma maior atração pela participação nestas aulas do que os seus colegas do sexo masculino. Será que o professor vai adotar o mesmo procedimento, dividindo a turma, utilizando o critério binário de gênero, ou alterará as regras para permitir uma participação mais ativa dos estudantes, pois eles são incapazes de dançarem conforme as estudantes?

Defendemos que todos os conteúdos sejam abordados sincreticamente por todos os estudantes, sempre observando as diversidades culturais, físicas e econômicas presentes em nosso país. Nesse estudo, abordamos apenas um aspecto dessa diversidade, isto é, a diferenciação entre os gêneros feminino e masculino, no entanto, devemos cessar com esta obsessão em padronizar os estudantes, pois o que faz da escola esse espaço tão relevante no desenvolvimento dos seres humanos é justamente essa oportunidade de nos confrontarmos com o outro, que possui gestos, comportamentos, pensamentos e opiniões divergentes das nossas.

Ademais, entendemos que o progressivo afastamento das estudantes das aulas de Educação Física é sugestionado pelo fato de os conteúdos estarem circunscritos às dimensões procedimentais, sendo assim, não podemos perder de vista a essencialidade de tematizarmos também as dimensões conceituais e atitudinais dos conteúdos. Em outras palavras, fazendo uma analogia com a tematização da dança de salão, não deve ser prioridade do professor de Educação Física abordar os pormenores da salsa, mas, sim, que o estudante possa vivenciar e conhecer as características básicas e os elementos que constituem a tradição desta dança e, paralelamente, refletir sobre estereótipos e preconceitos relacionados a sua prática.

Ao fim, acreditamos que promovemos uma significativa reflexão acerca dos fatores que contribuem para o afastamento das estudantes das aulas de Educação Física no Ensino Médio, sempre compreendendo a sensibilidade para se tratar desse objeto e as contradições regionais existentes em nosso país. De todo modo, temos a convicção das limitações e da provisoriedade dos resultados alcançados, todavia, nosso intento é o surgimento de outras investigações que possam contribuir com a temática, preenchendo as possíveis lacunas deixadas por nós, e, certamente, contrapondo-nos em muitos posicionamentos. ■

Notas

¹ “O clássico não se confunde com o tradicional e também não se opõe, necessariamente, ao moderno e muito menos ao atual. O clássico é aquilo que se firmou como fundamental, como essencial” (SAVIANI, 2011, p. 13).

² Projeto Político Pedagógico é “a sistematização, nunca definitiva, de um processo de Planejamento Participativo, que se aperfeiçoa e se concretiza na caminhada, que define claramente o tipo de ação educativa que se quer realizar. É um importante caminho para a construção da identidade da instituição. É um instrumento teórico-metodológico para a intervenção e mudança da realidade. É um elemento de organização e integração da atividade prática da instituição neste processo de transformação” (VASCONCELLOS, 2006, p. 169).

³ “[a] prática é entendida como a atividade dirigida a fins conscientes, como ação transformadora de uma realidade; como atividade social historicamente condicionada, dirigida à transformação do mundo; como a razão que fundamenta nossos conhecimentos. A prática pe-

dagógica, entendida como uma práxis envolve a dialética entre o conhecimento e a ação com o objetivo de conseguir um fim, buscando uma transformação cuja capacidade de mudar o mundo reside na possibilidade de transformar os outros” (SACRISTÁN, 1999, p. 28).

⁴ “Conteúdos de ensino são o conjunto de conhecimentos, habilidades, hábitos, modos valorativos e atitudinais de atuação social, organizados pedagógica e didaticamente, tendo em vista a assimilação ativa e aplicação pelos alunos na sua prática de vida. Englobam, portanto: conceitos, ideias, fatos, processos, princípios, leis científicas, regras; habilidades cognoscitivas, modos de atividade, métodos de compreensão e aplicação, hábitos de estudo, de trabalho e de convivência social; valores, convicções, atitudes” (LIBÂNEO, 1994, p. 142).

⁵ “A avaliação formativa [...] torna-se instrumento privilegiado de uma regulação contínua das diversas intervenções e das situações didáticas possuindo as características: democrática, constante, diversificada e contínua, sistemática e intencional” (PERRENOUD, 1999, p. 14).

⁶ “Seu objetivo fundamental é a caracterização da competição e da superação individual como valores fundamentais e desejados para uma sociedade moderna. [...] A Educação Física é sinônimo de desporto, e este, sinônimo de verificação de performance” (GHIRALDELLI JÚNIOR, 2004, p. 20).

Referências

- ALTMANN, Helena. **Rompendo fronteiras de gênero: Marias (e) homens na Educação Física**. Orientadora: Eustáquia Salvadora de Sousa. 1998. 119 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1998. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/FAEC-85ZJEJ>. Acesso em: 25 mai. 2021.
- ALTMANN, Helena. Currículo, gênero e esportes. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa; SILVA, Méri Rosane Santos da; GOELLNER, Silvana Vílodre. **Corpo, gênero e sexualidade: composições e desafios para a formação docente**. Rio Grande: FURG, 2009. p. 57-65.
- ANDRADE, Elisângela Borges de; DEVIDE, Fabiano Pries. Autoexclusão nas aulas mistas de Educação Física escolar: representações de estudantes do ensino médio sob enfoque de gênero. **FIEP Bulletin**, Foz do Iguaçu, v. 76, p. 318-321, 2006. Special Edition.
- BENEDETTI, Augusto Pio. **Educação Física no Ensino Médio: um estudo de caso numa escola técnica**. 2008. 112 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2008.
- BETTI, Mauro. **Educação Física escolar: ensino e pesquisa-ação**. Ijuí: Unijuí, 2009. 344 p.
- BRACHT, Valter. Esporte na escola e esporte de rendimento. **Movimento**, Porto Alegre, v. 6, n. 12, p. 14-24, 2000.
- BRACHT, Valter; FARIA, Bruno de Almeida; ALMEIDA, Felipe Quintão de; GHIDETTI, Felipe Ferreira; GOMES, Ivan Marcelo; ROCHA, Maria Celeste; MACHADO, Thiago da Silva; ALMEIDA, Ueberson Ribeiro; MORAES, Cláudia Emília Aguiar. A Educação Física Escolar como tema da produção do conhecimento nos periódicos da área no Brasil (1980-2010): parte I. **Movimento**, Porto Alegre, v. 17, n. 02, p. 11-34, abr./jun. 2011.
- BRANDOLIN, Fábio; KOSLINSKI, Mariane Campelo; SOARES, Antônio Jorge Gonçalves. A percepção dos alunos sobre a educação física no ensino médio. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 26, n. 4, p. 601-610, 4. trim. 2015.
- BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Presidência da República, 1996.
- CAPARROZ, Francisco Eduardo. **Entre a Educação Física na escola e a Educação Física da escola**. Vitória: CEFD/UFES, 1997.
- CHICATI, Karen Cristina. Motivação nas aulas de Educação Física no Ensino Médio. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 11, n. 1, p. 97-105, 2000.
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.
- COSTA, Maria Regina Ferreira; SILVA, Rogério Goulart da. A Educação Física e a coeducação ou diferença? **Rev. Bras. Cienc. Esporte**. Campinas, v. 23, n. 2, p. 43-54, 2002.
- DARIDO, Suraya Cristina. A educação física na escola e o processo de formação dos não praticantes de atividade física. **Revista brasileira de educação física e esporte**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 61-80, jan./mar. 2004.
- DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, Irene Conceição Andrade. **Educação física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.
- DE PAULA, Eliana de Jesus; PAIXÃO, Jairo Antônio; OLIVEIRA, Emerson Cruz. Suspensão de aulas de educação física como forma de punição: a percepção discente. **Pensar a prática**, Goiânia, v. 18, n. 2, p. 461-471, abr./jun. 2015.
- DEL DUCA, Giovâni Firpo; NAHAS, Markus Vinicius; GARCIA, Leandro Martin Totaro; PERES, Marco Aurélio. Como gênero e escolaridade interagem nos padrões de inatividade física em diferentes domínios em adultos? **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 29, n. 4, p. 653-661, out./dez. 2015.
- DELGADO, Danilo Müller; PARANHOS, Tiago Leite. **Fatores que levam a não participação das estudantes nas aulas de Educação Física escolar no ensino médio**. 2009. 29 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) - Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, 2009.

- FALCÃO, Gérson Marinho. **Psicologia da aprendizagem**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1989.
- FEITOSA, Wallacy Milton do Nascimento; TASSITANO, Rafael Miranda; TENÓRIO, Maria Cecília Marinho; ALBUQUERQUE, Alexandre; GUIMARÃES, Fernando José Pereira Sá; LIMA-NETO, Antônio José de. Aulas de Educação Física no Ensino Médio da Rede Pública Estadual de Caruaru: componente curricular obrigatório ou facultativo? **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 22, n. 1, p. 97-109, 1. trim. 2011.
- FERREIRA, Aline Fernanda; RUFINO, Luiz Gustavo Bonatto; DINIZ, Irla Karla dos Santos; DARIDO, Suraya Cristina. Secondary education student bodily practices: implications of gender in and outside physical education classes. **Motriz**, Rio Claro, v. 22, n. 1, p. 72-83, jan./mar. 2016.
- FINCK, Silvia Cristina Madrid. A escola e o novo ensino médio: um desafio para a Educação Física. **Olhar de Professor**. Ponta Grossa, v. 4, n. 1, p. 137-144, 2001.
- GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. **Educação Física Progressista: a Pedagogia Crítico-Social dos Conteúdos e a Educação Física Brasileira**. 9. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- GONZÁLEZ, Fernando Jaime. Trabalho e Educação: o papel da Educação Física na atualidade. In: **Seminário em Epistemologia e Educação Física e Seminário em Formação de Professores**, 4., 2013. Santa Maria, Anais [...] Santa Maria: maio 2013.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.
- LOVISOLO, Hugo Rodolfo. Pós-graduações e educação física: paradoxos, tensões e diálogos. **Revista brasileira de ciências do esporte**, Campinas, v. 20, n. 1, p. 11-21, set. 1998.
- MARZINEK, Adriano. **A motivação de adolescentes nas aulas de Educação Física**. 2004. 88 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Católica de Brasília. Brasília, 2004.
- PAES, Roberto Rodrigues. A pedagogia do esporte e os jogos coletivos. In: ROSE JR, Dante de et al. **Esporte e atividade física na infância e na adolescência**. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 89-98.
- PEREIRA, Raquel Stoilov; MOREIRA, Evando Carlos. A participação dos alunos do ensino médio em aulas de Educação Física: algumas considerações, **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 16, n. 2, p. 121-127, 2. sem. 2005.
- PERRENOUD, Phillipe. **Avaliação: da excelência à regulação – das aprendizagens entre duas lógicas**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.
- PORTUGAL, Khalil Oliveira; CIGALES, Marcelo Pinheiro; SOUZA, Rodrigo Diego de; RABELO, Mariana Cintra; LIMA, Igor dos Santos. Reforma do Ensino Médio no Distrito Federal: notas de pesquisa do Observatório da Educação e do Ensino Médio da UnB. **Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal**, [S.l.], v. 8, n. 2, p. 44-54, jun. 2021. ISSN 2359-2494. Disponível em: <http://www.periodicos.se.df.gov.br/index.php/comcenso/article/view/1127>. Acesso em: 14 jun. 2021.
- PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Universidade Feevale, 2013.
- RANGEL BETTI, Irene Conceição. Esporte na escola: mas é só isso, professor? **Motriz**, v. 1, n. 1, p. 25-31, jun. 1999.
- RODRIGUES, Juliana Almeida; VIANA, Helena Brandão; LACORTE, Carla Assis. Motivação das adolescentes na prática da Educação Física escolar. **EFDeportes.com - Revista Digital**, Buenos Aires, Año 15, nº 149, Octubre de 2010. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd149/motivacao-das-adolescentes-na-educacao-fisica-escolar.htm>. Acesso em: 25 jun. 2021.
- SACRISTÁN, José Gimeno. **Poderes instáveis em educação**. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 11. ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2011. 137 p.
- SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.
- SILVA, Mauro Sérgio; BRACHT, Valter. Na pista de práticas e professores inovadores na Educação Física escolar. **Kinesis**, Santa Maria, v. 30, n. 1, p. 80-94, jan./jun. 2012.
- SOUZA, Hadamo Fernandes de; COSTA, Jonatas Maia da. A exclusão (normativa) em aulas de Educação Física: enfrentando a indisciplina por meio do modelo de ensino sport education. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 32, n. 63, p. 01-21, jul./dez. 2020. ISSN 2175-8042. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2020e73650>. Acesso em: 25 mai. 2021. doi: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2020e73650>
- SOUZA, Vinícius Silva de; SOUSA, Vivina Amorim. Os desafios da política pública do Novo Ensino Médio e sua formação continuada para o Distrito Federal. **Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal**, [S.l.], v. 8, n. 2, p. 67-73, jun. 2021. ISSN 2359-2494. Disponível em: <http://www.periodicos.se.df.gov.br/index.php/comcenso/article/view/1141>. Acesso em: 14 jun. 2021.
- TENÓRIO, Jederson Garbin; SILVA, Cinthia Lopes da. Educação Física Escolar e a não participação dos alunos nas aulas. **Ciência em Movimento**, v. 15, n. 31, p. 71-80, 2013.
- VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Planejamento: Plano de Ensino-aprendizagem e Projeto Educativo**. São Paulo: Libertad, 2006.